



ASSOCIAÇÃO DE ITRACONAZOL E IODETO DE POTÁSSIO EM TRATAMENTO PARA ESPOROTRICOSE FELINA REFRATÁRIA: RELATO DE CASO

FABRÍCIA EMERICK COELHO; TALES JUNIOR DOS SANTOS; KELLY APARECIDA FAGUNDES ESTANISLAU; JOÃO LUCAS SILVA PAIXÃO; PAULO VITOR VERÍSSIMO KNAIP

RESUMO

O presente trabalho relata o caso clínico de uma felina sem raça definida, resgatada em março de 2023, em uma clínica veterinária particular, apresentando suspeita de esporotricose. A esporotricose, uma zoonose micótica de crescente relevância no Brasil, é causada pelo fungo *Sporothrix schenckii*, sendo o gato o principal hospedeiro e transmissor. Durante o exame físico, a paciente, com 8 anos de idade, exibia nódulos no dorso e lesões ulcerativas nas pálpebras e patas. Após a anamnese e a realização de exames complementares, incluindo citologia e hemograma, confirmou-se o diagnóstico de esporotricose pela presença do fungo na citologia. O tratamento inicial consistiu na administração de itraconazol (100 mg; SID) e cefadroxila (110 mg; SID) durante 30 dias. No entanto, após um mês, houve piora significativa no quadro clínico, apesar da melhora inicial nos primeiros dias. Em resposta à falta de eficácia do tratamento, foi implementada uma nova estratégia terapêutica, que manteve o itraconazol e incluiu iodeto de potássio e medicamentos tópicos com cetoconazol, betametasona e neomicina. Mesmo com a nova abordagem, a condição do paciente teve piora clínica. Este caso ilustra os desafios do tratamento da esporotricose felina, particularmente em situações onde há resistência ao tratamento convencional e dificuldades no manejo de animais com múltiplos conviventes. Conclui-se que a esporotricose, apesar das possibilidades de cura com terapias prolongadas e adequadas, pode apresentar resistência ao tratamento e levar a desfechos desfavoráveis, destacando a necessidade de uma abordagem integrada e eficaz entre saúde pública e veterinária, além do surgimento de novos protocolos de tratamento.

Palavras-chave: Doença; Fungo; Gato; Terapia; Zoonose.

1 INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma doença micótica subcutânea piogranulomatosa, causada pelo fungo dimórfico do gênero *Sporothrix*, sendo o *Sporothrix schenckii* o agente etiológico mais comumente associado. Essa infecção é prevalente em regiões tropicais e subtropicais, com classificação endêmica no Brasil (Cordeiro, 2011). A esporotricose afeta tanto humanos quanto animais, sendo os gatos os hospedeiros mais acometidos (Neves *et al.*, 2018).

O principal modo de transmissão da doença ocorre pela inoculação traumática do fungo na pele, através de fômites ou pelo contato com mucosas, além de arranhaduras e mordidas em gatos infectados, onde o agente etiológico pode ser encontrado em fluidos orais e nasais (Larsson, 2011). Gatos machos, adultos, não castrados e que têm acesso à rua são os mais suscetíveis e desempenham um papel central na disseminação do fungo (Gonçalves *et al.*, 2019).

O aparecimento de nódulos em regiões como cabeça, patas e caldas é sinal clínico característico da doença (Rodrigues *et al.*, 2013). Posteriormente, esses nódulos podem tornar-se lesões ulceradas de difícil cicatrização e frequentemente acompanhadas de pus e com rápida

evolução (De Macêdo-Sales *et al.*, 2018).

Doenças que provocam lesões cutâneas são comumente confundidas com a esporotricose felina. Sendo assim, infecções bacterianas, criptococoses, neoplasias, histoplasmoses e leishmanioses são considerados possíveis diagnósticos diferenciados (Berocal & Gomes, 2020). Em razão a isso, deve-se levar em conta informações epidemiológicas além do histórico do animal durante o processo de diagnóstico (Orofino-Costa *et al.*, 2017). O diagnóstico, então, é realizado por meio de informações prévias, exames físicos e laboratoriais, sendo o isolamento do fungo em cultura considerado o padrão ouro para identificação (De Macêdo-Sales *et al.*, 2018).

Nos últimos anos, os gatos contaminados pelo fungo – especialmente os em situação de rua – tornaram-se os agentes transmissores mais comuns da esporotricose, desempenhando um papel zoonótico importante. Assim, dada a relevância da esporotricose como uma preocupação de saúde pública, especialmente no Brasil, é crucial que políticas de saúde animal e humana sejam criadas com o intuito de afetar, de forma positiva, a cadeia de transmissão do agente etiológico (Gremião *et al.*, 2017).

Assim, é de extrema relevância entender a epidemiologia, os sinais clínicos, o diagnóstico e o tratamento da esporotricose felina, considerando a complexidade do manejo terapêutico e o impacto da doença tanto para os animais quanto para a sociedade. Uma vez que casos de resistência ao tratamento e a necessidade de protocolos mais eficazes destacam a urgência de revisões e atualizações constantes na abordagem da enfermidade.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico sobre a esporotricose felina, abordando sinais clínicos, e o não sucesso nos tratamentos utilizados para tratar a doença em um felino acometido na Região Metropolitana de Manhuaçu, Minas Gerais.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

Em março de 2023 foi realizado atendimento clínico a um felino, fêmea, sem raça definida, pesando 3,7 kg, adulta de 8 anos e 2 meses, em uma clínica veterinária particular. À anamnese, o responsável relatou que se tratava de um animal resgatado no mesmo dia.

Durante o exame físico identificou-se pequenos nódulos generalizados no dorso e lesões ulcerativas na região de pálpebra e patas dianteiras do animal. Vale ressaltar que as lesões estavam cobertas por cetaconazol, fármaco que foi usado pelo tutor do animal ao resgatá-lo da rua. Devido às características apresentadas pelas lesões, esporotricose foi a principal suspeita levantada. Diante disso, realizou-se uma punção aspirativa para avaliação citológica e hemograma e leucograma, como métodos de avaliação complementar.

No hemograma, todos os valores estavam dentro do padrão esperado pela espécie, mas, o hematócrito teve um resultado limite de 24%. Enquanto no leucograma, observou-se um quadro de leucocitose por neutrofilia, com valores de leucócitos totais de 19.700 células/ μ L. Após avaliação da citologia, foi observado a presença de *Sporothrix schenckii*.

Com o diagnóstico confirmado, iniciou-se o tratamento com o uso de itraconazol (100mg; SID) e cefadroxila (110mg; SID) durante 30 dias.

Após um mês de tratamento, o animal retornou à clínica devido à não melhora das lesões. De acordo com o tutor, nos primeiros 12 dias de tratamento foi observado melhora considerável, mas, posteriormente, houve piora no quadro clínico do animal. Logo, devido à não obtenção de sucesso no primeiro mês de tratamento, foi necessária uma nova abordagem. O uso de itraconazol (100mg; SID) foi mantido, mas, agora, até a melhora completa do animal; após melhora, o remédio seria administrado durante novos 60 dias. Ademais, receitou-se o contínuo uso de cefadroxila (Cefa SID 110mg; SID) até novas recomendações. A administração de iodeto de potássio (20 mg/kg; VO; SID) durante 30 dias foi adicionada à receita, além de cetoconazol 20mg/g + betametasona 0,64mg/g + neomicina 2,5mg/g como uso tópico para aplicação na região das lesões após a limpeza e secagem das feridas.

Passados 20 dias, a responsável pelo animal retornou à clínica e foi observado que o tratamento não estava tendo eficácias, visto a significativa piora do gato. Devido à dificuldade no tratamento e na queixa do responsável em argumentar a convivência do gato doente com os seus outros animais, foi requerido por ele a eutanásia.

3 DISCUSSÃO

O caso descrito envolve um felino resgatado da rua, apresentando lesões ulcerativas sugestivas de esporotricose. Os sinais clínicos apresentados pela paciente — pequenos nódulos generalizados no dorso e lesões ulcerativas nas pálpebras e patas — são consistentes com os relatos clássicos da doença, reforçando a suspeita diagnóstica (Quinn *et al.*, 2018).

O diagnóstico de esporotricose foi confirmado por meio de avaliação citológica, evidenciando a presença de *Sporothrix schenckii*, o que corrobora a literatura, que considera a citologia e o isolamento do fungo em cultura como métodos padrão ouro para identificação da doença (De Macêdo-Sales *et al.*, 2018). O hemograma e leucograma mostraram resultados dentro do esperado, incluindo a leucocitose por neutrofilia (Madrid *et al.*, 2012).

O protocolo de tratamento inicialmente adotado incluiu o antifúngico itraconazol, um medicamento amplamente recomendado para a esporotricose felina, assim como a cefadroxila para tratar infecções bacterianas secundárias que poderiam estar complicando as lesões (Dos Santos *et al.*, 2022). Entretanto, apesar da melhora inicial, houve uma piora do quadro clínico após 12 dias, levando à necessidade de ajustes no tratamento. A resistência inicial ao tratamento pode ser atribuída a vários fatores, como a gravidade da infecção, a disseminação do fungo ou a presença de comorbidades não identificadas. O itraconazol é considerado o tratamento de escolha para a esporotricose em gatos, porém, a dose e a duração do tratamento são cruciais para o sucesso terapêutico. A literatura sugere que, em muitos casos, o tratamento deve ser prolongado por meses após a resolução clínica, para evitar recidivas (Gremião *et al.*, 2017).

Apesar de alguns estudos relatarem intoxicação proveniente de iodeto de potássio em felinos, esse método foi adotado visto a divergência em trabalhos sobre o uso ou não uso do fármaco nessas espécies (Jericó *et al.*, 2015). No entanto, mesmo com a adição desse agente e a manutenção do itraconazol, o animal não respondeu adequadamente, apresentando piora significativa. Esse cenário evidencia a complexidade do tratamento da esporotricose, especialmente em animais que podem ter passado um longo período sem cuidados adequados ou expostos a infecções secundárias e outros fatores de estresse, como o histórico de resgate do animal.

Outro ponto relevante no relato é a queixa do tutor quanto à dificuldade de convivência com outros animais. A esporotricose é uma doença altamente contagiosa entre felinos, e o contato com fluidos corporais infectados, como saliva ou secreções de lesões, pode facilitar a transmissão para outros animais ou humanos (Pires, 2017). Essa situação impõe desafios não apenas terapêuticos, mas também sociais e de manejo, especialmente quando o tratamento.

4 CONCLUSÃO

A esporotricose felina representa um desafio crescente para a saúde pública e veterinária no Brasil. O estudo evidenciou que gatos, especialmente os de rua, são os principais vetores da doença, com grande potencial de transmissão para outros animais e humanos. O diagnóstico clínico e laboratorial se mostrou eficaz, mas o tratamento, mesmo com o uso de medicamentos amplamente recomendados, como o itraconazol, pode apresentar limitações, como resistência ao tratamento e recaídas, além do uso de iodeto de potássio mostra-se ineficaz. O caso clínico analisado destacou a necessidade de abordagens terapêuticas individualizadas e de longa duração, além da importância de práticas rigorosas de biossegurança no manejo de animais infectados.

REFERÊNCIAS

- BEROCAL, G. M. C.; GOMES, D. E. Esporotricose em felinos. **Revista Científica Unilago**, v. 1, n. 1, 2020.
- CORDEIRO, F. N.; BRUNO, C. B.; PAULA, C. D. R. Ocorrência familiar de esporotricose zoonótica. **Anais brasileiros de dermatologia**, v. 86, p. 121-124, 2011.
- FEROLDI, C. G.; RORIG, M. C. L. ESPOROTRICOSE EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 7, p. 1639-1650, 2024.
- GONÇALVES, J. C.; GREMIÃO, I. D. F.; KÖLLING, G.; DUVAL, A. E. A.; RIBEIRO, P. M. T. Esporotricose, o gato e a comunidade. **Enciclopédia Biosfera**, v.16, n.29, p.769-787, 2019. 10.18677/EnciBio_2019A62.
- GREMIÃO, I. D. F.; PEREIRA, S. A.; RODRIGUES, A. M.; FIGUEIREDO, F. B.; JÚNIOR, A. N.; SANTOS, I. B.; SCHUBACH, T. M. P. Tratamento cirúrgico associado à terapia antifúngica convencional na esporotricose felina. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 34, n. 2, p. 221-223, 2006.
- JERICÓ, M. M.; KOGIKA, M. M.; ANDRADE NETO, J. P. Tratado de medicina interna de cães e gatos. 2015. Guanabara Koogan.
- LARSSON, C. E. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.
- MACÊDO-SALES, P. A.; SOUTO, S. R. L. S.; DESTEFANI, C. A.; LUCENA, R. P.; ROCHA, E. M. S.; BAPTISTA, A. R. Diagnóstico laboratorial da esporotricose felina em amostras coletadas no estado do Rio de Janeiro, Brasil: limitações da citopatologia por imprint. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 9, n. 2, p. 7-7, 2018.
- MADRID, I. M.; MATTEI, A. S.; TELES, A. J.; CLEFF, M. B.; NOBRE, M.; MEIRELES, M. C. A. Alterações hematológicas em felinos com esporotricose cutânea. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**, v. 15, n. 1, 2012.
- NEVES, B. F.; NÓBREGA, L. B.; FERNANDES, M. V.; BARROS, Y. O.; TRINDADE, L. C. Esporotricose: Relato de caso. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 16, n. 1, p. 26-32, 2018.
- OROFINO-COSTA, R.; MACEDO, P. M.; RODRIGUES, A. M.; BERNARDES-ENGEMANN, A. R. (2017). Sporotrichosis: an update on epidemiology, etiopathogenesis, laboratory and clinical therapeutics. **Anais brasileiros de dermatologia**, v. 92, n. 5, p. 606-620, 2017.
- PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 16-23, 2017.
- QUINN, P. J.; MARKEY, B. K.; LEONARD, F. C.; FITZPATRICK, E. S.; FANNING, S. **Microbiologia veterinária-: Essencial**. Artmed Editora, 2018.

SANTOS, A. N.; SANTOS, A.; BRITO, D. J.; LIMA, D. B. P.; SANTOS SILVA, E.; SANTOS, J. R. R.; SILVA, A. S.; SANTOS, M. M. M. S.; SOUZA, P. H. O.; SILVA, R. A. (2022). Esporotricose em felino: Revisão. **Pubvet**, v. 16, p. 195, 2022.